

SELEÇÃO PÚBLICA PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAMARI

CARGO: PROFESSOR FUNDAMENTAL I

NÍVEL MÉDIO

LÍNGUA PORTUGUESA – 10 QUESTÕES

MATEMÁTICA – 05 QUESTÕES

CONHECIMENTOS GERAIS / ATUALIDADES – 05 QUESTÕES

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS – 10 QUESTÕES

INSTRUÇÕES:

- Este caderno de questões contém trinta (30) questões objetivas, com cinco (5) alternativas cada uma indicadas por A, B, C, D e E, confira-as.
- Para cada questão objetiva existe apenas uma alternativa correta.
- Não será permitida qualquer espécie de consulta.
- É terminantemente proibido o uso de calculadoras, relógios digitais, aparelhos sonoros, celulares e similares.
- No preenchimento do Cartão Resposta, use caneta de tinta **azul** ou **preta**.
- Ao receber do Fiscal o caderno de provas e o cartão de resposta, verifique se ambos estão de acordo com os seus dados e a Função para a qual se inscreveu. Qualquer erro, informar imediatamente ao Fiscal. Em caso de erro e a não informação, o Candidato será o único responsável.

ATENÇÃO:

- Verifique se a paginação e numeração das questões deste **caderno** estão corretas.
- Verifique se no Cartão Resposta seu nome, número de inscrição e cargo para o qual concorre estão corretos.
- Se você precisar de algum esclarecimento solicite a presença do coordenador.
- Você dispõe de 03h30m (Três horas e trinta minutos) para fazer a prova, inclusive com a marcação do Cartão Resposta. Faça-os com tranquilidade, mas controle o seu tempo.
- O candidato somente poderá ausentar-se definitivamente da sala após 1 (uma) hora do início da prova e o caderno de questões poderá ser levado após 02h30m de permanência em sala.
- Após o término da prova, entregue ao fiscal da sala o Cartão Resposta **devidamente assinado**.
- Os três últimos candidatos de cada sala só poderão ser liberados juntos, quando deverão assinar a Ata de Sala.

LÍNGUA PORTUGUESA

Leia o texto abaixo para responder as questões 01 a 09.

AMOR

Clarice Lispector

Um pouco cansada, com as compras deformando o novo saco de tricô, Ana subiu no bonde. Depositou o volume no colo e o bonde começou a andar. Recostou-se então no banco procurando conforto, num suspiro de meia satisfação.

Os filhos de Ana eram bons, uma coisa verdadeira e sumarenta. Cresciam, tomavam banho, exigiam para si, malcriados, instantes cada vez mais completos. A cozinha era enfim espaçosa, o fogão enguiçado dava estouros. O calor era forte no apartamento que estavam aos poucos pagando. Mas o vento batendo nas cortinas que ela mesma cortara lembrava-lhe que se quisesse podia parar e enxugar a testa, olhando o calmo horizonte. Como um lavrador. Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, mas essas apenas. E cresciam árvores. Crescia sua rápida conversa com o cobrador de luz, crescia a água enchendo o tanque, cresciam seus filhos, crescia a mesa com comidas, o marido chegando com os jornais e sorrindo de fome, o canto importuno das empregadas do edifício. Ana dava a tudo, tranquilamente, sua mão pequena e forte, sua corrente de vida.

Certa hora da tarde era mais perigosa. Certa hora da tarde as árvores que plantara riam dela. Quando nada mais precisava de sua força, inquietava-se. No entanto sentia-se mais sólida do que nunca, seu corpo engrossara um pouco e era de se ver o modo como cortava blusas para os meninos, a grande tesoura dando estalidos na fazenda. Todo o seu desejo vagamente artístico encaminhara-se há muito no sentido de tornar os dias realizados e belos; com o tempo, seu gosto pelo decorativo se desenvolvera e suplantara a íntima desordem. Parecia ter descoberto que tudo era passível de aperfeiçoamento, a cada coisa se emprestaria uma aparência harmoniosa; a vida podia ser feita pela mão do homem.

No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia: abolindo-a, encontrara uma legião de pessoas, antes invisíveis, que viviam como quem trabalha — com persistência, continuidade, alegria. O que sucedera a Ana antes de ter o lar estava para sempre fora de seu alcance: uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundira com felicidade insuportável. Criara em troca algo enfim compreensível, uma vida de adulto. Assim ela o quisera e o escolhera.

Sua precaução reduzia-se a tomar cuidado na hora perigosa da tarde, quando a casa estava vazia sem precisar mais dela, o sol alto, cada membro da família distribuído nas suas funções. Olhando os móveis limpos,

seu coração se apertava um pouco em espanto. Mas na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto — ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido. Saía então para fazer compras ou levar objetos para consertar, cuidando do lar e da família à revelia deles. Quando voltasse era o fim da tarde e as crianças vindas do colégio exigiam-na. Assim chegaria a noite, com sua tranqüila vibração. De manhã acordaria aureolada pelos calmos deveres. Encontrava os móveis de novo empoeirados e sujos, como se voltassem arrependidos. Quanto a ela mesma, fazia obscuramente parte das raízes negras e suaves do mundo. E alimentava anonimamente a vida. Estava bom assim. Assim ela o quisera e escolhera.

O bonde vacilava nos trilhos, entrava em ruas largas. Logo um vento mais úmido soprava anunciando, mais que o fim da tarde, o fim da hora instável. Ana respirou profundamente e uma grande aceitação deu a seu rosto um ar de mulher.

O bonde se arrastava, em seguida estacava. Até Humaitá tinha tempo de descansar. Foi então que olhou para o homem parado no ponto.

A diferença entre ele e os outros é que ele estava realmente parado. De pé, suas mãos se mantinham avançadas. Era um cego.

O que havia mais que fizesse Ana se aprumar em desconfiança? Alguma coisa intranquila estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava chicles... Um homem cego mascava chicles.

Ana ainda teve tempo de pensar por um segundo que os irmãos viriam jantar — o coração batia-lhe violento, espaçado. Inclinação, olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê. Ele mascava goma na escuridão. Sem sofrimento, com os olhos abertos. O movimento da mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir — como se ele a tivesse insultado, Ana olhava-o. E quem a visse teria a impressão de uma mulher com ódio. Mas continuava a olhá-lo, cada vez mais inclinada — o bonde deu uma arrancada súbita jogando-a desprevenida para trás, o pesado saco de tricô despencou-se do colo, ruiu no chão — Ana deu um grito, o condutor deu ordem de parada antes de saber do que se tratava — o bonde estacou, os passageiros olharam assustados.

Incapaz de se mover para apanhar suas compras, Ana se aprumava pálida. Uma expressão de rosto, há muito não usada, ressurgia-lhe com dificuldade, ainda incerta, incompreensível. O moleque dos jornais ria entregando-lhe o volume. Mas os ovos se haviam quebrado no embrulho de jornal. Gemas amarelas e viscosas pingavam entre os fios da rede. O cego interrompera a mastigação e avançava as mãos inseguras, tentando inutilmente pegar o que acontecia. O embrulho dos ovos foi jogado fora da rede e, entre os sorrisos dos passageiros e o sinal do condutor, o bonde deu a nova arrancada de partida.

Poucos instantes depois já não a olhavam mais. O bonde se sacudia nos trilhos e o cego mascando goma ficara atrás para sempre. Mas o mal estava feito.

A rede de tricô era áspera entre os dedos, não íntima como quando a tricotara. A rede perdera o sentido e estar num bonde era um fio partido; não sabia o que fazer com as compras no colo. E como uma estranha música, o mundo recomeçava ao redor. O mal estava feito. Por quê? Teria esquecido de que havia cegos? A piedade a sufocava, Ana respirava pesadamente. Mesmo

as coisas que existiam antes do acontecimento estavam agora de sobreaviso, tinham um ar mais hostil, percível... O mundo se tornara de novo um mal-estar. Vários anos ruíam, as gemas amarelas escorriam. Expulsa de seus próprios dias, parecia-lhe que as pessoas da rua eram periclitantes, que se mantinham por um mínimo equilíbrio à tona da escuridão — e por um momento a falta de sentido deixava-as tão livres que elas não sabiam para onde ir. Perceber uma ausência de lei foi tão súbito que Ana se agarrou ao banco da frente, como se pudesse cair do bonde, como se as coisas pudessem ser revertidas com a mesma calma com que não o eram.

O que chamava de crise viera afinal. E sua marca era o prazer intenso com que olhava agora as coisas, sofrendo espantada. O calor se tornara mais abafado, tudo tinha ganho uma força e vozes mais altas. Na Rua Voluntários da Pátria parecia prestes a rebentar uma revolução, as grades dos esgotos estavam secas, o ar empoeirado. Um cego mascando chicletes mergulhara o mundo em escura sofreguidão. Em cada pessoa forte havia a ausência de piedade pelo cego e as pessoas assustavam-na com o vigor que possuíam. Junto dela havia uma senhora de azul, com um rosto. Desviou o olhar, depressa. Na calçada, uma mulher deu um empurrão no filho! Dois namorados entrelaçavam os dedos sorrindo... E o cego? Ana caíra numa bondade extremamente dolorosa.

Ela apaziguara tão bem a vida, cuidara tanto para que esta não explodisse. Mantinha tudo em serena compreensão, separava uma pessoa das outras, as roupas eram claramente feitas para serem usadas e podia-se escolher pelo jornal o filme da noite — tudo feito de modo a que um dia se seguisse ao outro. E um cego mascando goma despedaçava tudo isso. E através da piedade aparecia a Ana uma vida cheia de náusea doce, até a boca.

Só então percebeu que há muito passara do seu ponto de descida. Na fraqueza em que estava, tudo a atingia com um susto; desceu do bonde com pernas débeis, olhou em torno de si, segurando a rede suja de ovo. Por um momento não conseguia orientar-se. Parecia ter saltado no meio da noite.

Era uma rua comprida, com muros altos, amarelos. Seu coração batia de medo, ela procurava inutilmente reconhecer os arredores, enquanto a vida que descobrira continuava a pulsar e um vento mais morno e mais misterioso rodeava-lhe o rosto. Ficou parada olhando o muro. Enfim pôde localizar-se. Andando um pouco mais ao longo de uma sebe, atravessou os portões do Jardim Botânico.

Andava pesadamente pela alameda central, entre os coqueiros. Não havia ninguém no Jardim. Depositou os embrulhos na terra, sentou-se no banco de um atalho e ali ficou muito tempo.

A vastidão parecia acalmá-la, o silêncio regulava sua respiração. Ela adormecia dentro de si.

De longe via a aleia onde a tarde era clara e redonda. Mas a penumbra dos ramos cobria o atalho.

Ao seu redor havia ruídos serenos, cheiro de árvores, pequenas surpresas entre os cipós. Todo o Jardim triturado pelos instantes já mais apressados da tarde. De onde vinha o meio sonho pelo qual estava rodeada? Como por um zunido de abelhas e aves. Tudo era estranho, suave demais, grande demais.

Um movimento leve e íntimo a sobressaltou — voltou-se rápida. Nada parecia se ter movido. Mas na

aleia central estava imóvel um poderoso gato. Seus pelos eram macios. Em novo andar silencioso, desapareceu.

Inquieta, olhou em torno. Os ramos se balançavam, as sombras vacilavam no chão. Um pardal ciscava na terra. E de repente, com mal-estar, pareceu-lhe ter caído numa emboscada. Fazia-se no Jardim um trabalho secreto do qual ela começava a se aperceber.

Nas árvores as frutas eram pretas, doces como mel. Havia no chão caroços secos cheios de circunvoluções, como pequenos cérebros apodrecidos. O banco estava manchado de sucos roxos. Com suavidade intensa rumorejavam as águas. No tronco da árvore pregavam-se as luxuosas patas de uma aranha. A crueza do mundo era tranquila. O assassinato era profundo. E a morte não era o que pensávamos.

Ao mesmo tempo que imaginário — era um mundo de se comer com os dentes, um mundo de volumosas dalias e tulipas. Os troncos eram percorridos por parasitas folhudas, o abraço era macio, colado. Como a repulsa que precedesse uma entrega — era fascinante, a mulher tinha nojo, e era fascinante.

As árvores estavam carregadas, o mundo era tão rico que apodrecia. Quando Ana pensou que havia crianças e homens grandes com fome, a náusea subiu-lhe à garganta, como se ela estivesse grávida e abandonada. A moral do Jardim era outra. Agora que o cego a guiara até ele, estremecia nos primeiros passos de um mundo fuscante, sombrio, onde vitórias-régias boiavam monstruosas. As pequenas flores espalhadas na relva não lhe pareciam amarelas ou rosadas, mas cor de mau ouro e escarlates. A decomposição era profunda, perfumada... Mas todas as pesadas coisas, ela via com a cabeça rodeada por um enxame de insetos enviados pela vida mais fina do mundo. A brisa se insinuava entre as flores. Ana mais adivinhava que sentia o seu cheiro adocicado... O Jardim era tão bonito que ela teve medo do Inferno.

Era quase noite agora e tudo parecia cheio, pesado, um esquilo voou na sombra. Sob os pés a terra estava fofa, Ana aspirava-a com delícia. Era fascinante, e ela sentia nojo.

Mas quando se lembrou das crianças, diante das quais se tornara culpada, ergueu-se com uma exclamação de dor. Agarrou o embrulho, avançou pelo atalho obscuro, atingiu a alameda. Quase corria — e via o Jardim em torno de si, com sua impersonalidade soberba. Sacudiu os portões fechados, sacudia-os segurando a madeira áspera. O vigia apareceu espantado de não a ter visto.

Enquanto não chegou à porta do edifício, parecia à beira de um desastre. Correu com a rede até o elevador, sua alma batia-lhe no peito — o que sucedia? A piedade pelo cego era tão violenta como uma ânsia, mas o mundo lhe parecia seu, sujo, percível, seu. Abriu a porta de casa. A sala era grande, quadrada, as maçanetas brilhavam limpas, os vidros da janela brilhavam, a lâmpada brilhava — que nova terra era essa? E por um instante a vida sadia que levava até agora pareceu-lhe um modo moralmente louco de viver. O menino que se aproximou correndo era um ser de pernas compridas e rosto igual ao seu, que corria e a abraçava. Apertou-o com força, com espanto. Protegia-se tremula. Porque a vida era periclitante. Ela amava o mundo, amava o que fora criado — amava com nojo. Do mesmo modo como sempre fora fascinada pelas ostras, com aquele vago sentimento de asco que a aproximação da

verdade lhe provocava, avisando-a. Abraçou o filho, quase a ponto de machucá-lo. Como se soubesse de um mal — o cego ou o belo Jardim Botânico? — agarrava-se a ele, a quem queria acima de tudo. Fora atingida pelo demônio da fé. A vida é horrível, disse-lhe baixo, faminta. O que faria se seguisse o chamado do cego? Iria sozinha... Havia lugares pobres e ricos que precisavam dela. Ela precisava deles... Tenho medo, disse. Sentia as costelas delicadas da criança entre os braços, ouviu o seu choro assustado. Mamãe, chamou o menino. Afastou-o, olhou aquele rosto, seu coração crispou-se. Não deixe mamãe te esquecer, disse-lhe. A criança mal sentiu o abraço se afrouxar, escapou e correu até a porta do quarto, de onde olhou-a mais segura. Era o pior olhar que jamais recebera. Q sangue subiu-lhe ao rosto, esquentando-o.

Deixou-se cair numa cadeira com os dedos ainda presos na rede. De que tinha vergonha?

Não havia como fugir. Os dias que ela forjara haviam-se rompido na crosta e a água escapava. Estava diante da ostra. E não havia como não olhá-la. De que tinha vergonha? É que já não era mais piedade, não era só piedade: seu coração se enchera com a pior vontade de viver.

Já não sabia se estava do lado do cego ou das espessas plantas. O homem pouco a pouco se distanciara e em tortura ela parecia ter passado para os lados que lhe haviam ferido os olhos. O Jardim Botânico, tranquilo e alto, lhe revelava. Com horror descobria que pertencia à parte forte do mundo — e que nome se deveria dar a sua misericórdia violenta? Seria obrigada a beijar um leproso, pois nunca seria apenas sua irmã. Um cego me levou ao pior de mim mesma, pensou espantada. Sentia-se banida porque nenhum pobre beberia água nas suas mãos ardentes. Ah! era mais fácil ser um santo que uma pessoa! Por Deus, pois não fora verdadeira a piedade que sondara no seu coração as águas mais profundas? Mas era uma piedade de leão.

Humilhada, sabia que o cego preferiria um amor mais pobre. E, estremecendo, também sabia por quê. A vida do Jardim Botânico chamava-a como um lobisomem é chamado pelo luar. Oh! mas ela amava o cego! pensou com os olhos molhados. No entanto não era com este sentimento que se iria a uma igreja. Estou com medo, disse sozinha na sala. Levantou-se e foi para a cozinha ajudar a empregada a preparar o jantar.

Mas a vida arrepiava-a, como um frio. Ouvia o sino da escola, longe e constante. O pequeno horror da poeira ligando em fios a parte inferior do fogão, onde descobriu a pequena aranha. Carregando a jarra para mudar a água — havia o horror da flor se entregando lânguida e asquerosa às suas mãos. O mesmo trabalho secreto se fazia ali na cozinha. Perto da lata de lixo, esmagou com o pé a formiga. O pequeno assassinato da formiga. O mínimo corpo tremia. As gotas d'água caíam na água parada do tanque. Os besouros de verão. O horror dos besouros inexpressivos. Ao redor havia uma vida silenciosa, lenta, insistente. Horror, horror. Andava de um lado para outro na cozinha, cortando os bifés, mexendo o creme. Em torno da cabeça, em ronda, em torno da luz, os mosquitos de uma noite cálida. Uma noite em que a piedade era tão crua como o amor ruim. Entre os dois seios escorria o suor. A fé a quebrantava, o calor do forno ardia nos seus olhos.

Depois o marido veio, vieram os irmãos e suas mulheres, vieram os filhos dos irmãos.

Jantaram com as janelas todas abertas, no nono andar. Um avião estremecia, ameaçando no calor do céu. Apesar de ter usado poucos ovos, o jantar estava bom. Também suas crianças ficaram acordadas, brincando no tapete com as outras. Era verão, seria inútil obrigá-las a dormir. Ana estava um pouco pálida e ria suavemente com os outros. Depois do jantar, enfim, a primeira brisa mais fresca entrou pelas janelas. Eles rodeavam a mesa, a família. Encados do dia, felizes em não discordar, tão dispostos a não ver defeitos. Riam-se de tudo, com o coração bom e humano. As crianças cresciam admiravelmente em torno deles. E como a uma borboleta, Ana prendeu o instante entre os dedos antes que ele nunca mais fosse seu.

Depois, quando todos foram embora e as crianças já estavam deitadas, ela era uma mulher bruta que olhava pela janela. A cidade estava adormecida e quente. O que o cego desencadeara caberia nos seus dias? Quantos anos levaria até envelhecer de novo? Qualquer movimento seu e pisaria numa das crianças. Mas com uma maldade de amante, parecia aceitar que da flor saísse o mosquito, que as vitórias-régias boiassem no escuro do lago. O cego pendia entre os frutos do Jardim Botânico.

Se fora um estouro do fogão, o fogo já teria pegado em toda a casa! pensou correndo para a cozinha e deparando com o seu marido diante do café derramado.

— O que foi?! gritou vibrando toda.

Ele se assustou com o medo da mulher. E de repente riu entendendo:

— Não foi nada, disse, sou um desajeitado. Ele parecia cansado, com olheiras.

Mas diante do estranho rosto de Ana, espiou-a com maior atenção. Depois atraiu-a a si, em rápido afago.

— Não quero que lhe aconteça nada, nunca! disse ela.

— Deixe que pelo menos me aconteça o fogão dar um estouro, respondeu ele sorrindo.

Ela continuou sem força nos seus braços. Hoje de tarde alguma coisa tranquila se rebentara, e na casa toda havia um tom humorístico, triste. É hora de dormir, disse ele, é tarde. Num gesto que não era seu, mas que pareceu natural, segurou a mão da mulher, levando-a consigo sem olhar para trás, afastando-a do perigo de viver.

Acabara-se a vertigem de bondade.

E, se atravessara o amor e o seu inferno, penteava-se agora diante do espelho, por um instante sem nenhum mundo no coração. Antes de se deitar, como se apagasse uma vela, soprou a pequena flama do dia.

Texto extraído no livro "Laços de Família", de Clarice Lispector, Editora Rocco – Rio de Janeiro, 1998, pág. 19, incluído entre "Os cem melhores contos brasileiros do século", Editora Objetiva – Rio de Janeiro, 2000, seleção de Ítalo Moriconi.

QUESTÃO 1

Sobre o texto é possível afirmar:

I- O texto é uma narrativa em terceira pessoa. O narrador é onisciente, tendo acesso a emoções, sentimentos e monólogos interiores das personagens.

II- A trama gira em torno de Ana, a protagonista, uma mãe, esposa e dona de casa que ocupa o seu tempo cuidando da família e das tarefas domésticas.

III- Ainda que surjam outras personagens como o filho, o marido, e o homem cego que ela vê através da janela do bonde, Ana é a única personagem a quem a autora confere densidade psicológica.

IV- Segundo a narrativa, é possível acompanhar o cotidiano da vida de Ana e os vários estados de espírito que tomam conta dela, bem como é possível perceber, na história, uma epifania que a faz repensar toda a sua vida.

É verdade o que se afirma em:

- A) I e III apenas
- B) II e IV apenas
- C) I, II, III apenas
- D) II, III e IV apenas
- E) I, II, III e IV

QUESTÃO 2

Sobre a personagem Ana, analise as proposições abaixo:

I- É mulher ativa, que dedica a sua vida à família e à manutenção da casa.

II- É mulher organizada e firme em tudo que faz.

III- Além de mãe e dona de casa, trabalha também em um escritório.

IV- Sente falta de ocupação para sua mente na maior parte do tempo.

V- Representa o estereótipo da mulher que desiste e esquece de si mesma para se concentrar apenas na família.

São características da personagem Ana presentes no conto a(s) proposição(ões):

- A) I, II e V apenas
- B) I, II, IV e V apenas
- C) I, II, III e IV apenas
- D) II e V apenas
- E) I, II, III, IV e V.

QUESTÃO 3

Analise as proposições abaixo como **(V)** verdadeiras ou **(F)** falsas.

- () Ao fazer uma reflexão acerca da "vida de adulto" que construíra, é notória a insatisfação de Ana.
- () A repetição da frase "Assim ela o quisera e escolhera" sublinha a responsabilidade de Ana pelo modo como vivia, e também a sua acomodação".
- () O cego que mascava goma provocou uma revelação, uma mudança na vida de Ana, pois estava pela primeira vez ,em muito tempo, diante de "uma vida cheia de náusea doce", autêntica, cheia de coisas inesperadas, de beleza e sofrimento.
- () A ânsia permaneceu quando ela, Ana, regressou a casa, a "alma batia-lhe no peito", e embora o mundo parecesse, de repente, "sujo, perecível",

também parecia "seu", chamando-a, tentando-a, convidando-a a tomar parte nele.

() As frases que encerram o conto sublinham o modo como Ana parece voltar a se afundar na alienação de antes.

A sequência correta de cima para baixo é:

- A) V – F – F – V – V
- B) V – V – V – V – V
- C) F – V – V – F – F
- D) V – V – V – V – F
- E) F – V – V – V – F

QUESTÃO 4

Analise as proposições abaixo, considerando o conto de Clarice Lispector:

I- Ana simboliza a dona de casa de classe média que, tal como inúmeras mulheres pelo mundo a fora, cumpriu com as expectativas sociais, casando e constituindo família.

II- A visão do cego mascando goma no escuro, de forma mecânica, repetitiva, sem conseguir enxergar aquilo que o rodeia, demonstra ser metáfora do jeito que Ana vivia.

III- Talvez por se rever naquele homem, ou por tomar consciência súbita do mundo em redor, Ana subverte a sua rotina, quebra os ovos do jantar com o susto, sai na estação errada do bonde e dá um passeio no Jardim Botânico, esquecendo suas obrigações.

IV- É o amor, título do conto, que conduz Ana.

São verdadeiras as proposições:

- A) I, III e IV apenas
- B) I, II e III apenas
- C) III e IV apenas
- D) I, II, III e IV.
- E) II e IV apenas

QUESTÃO 5

Analise as frases abaixo, retiradas do texto.

- 1- "**Os filhos de Ana** eram bons, uma coisa verdadeira e sumarenta."
- 2- "Ao redor havia **uma vida silenciosa**..."
- 3- "...levando-**a** consigo sem olhar para trás..."

Os termos destacados exercem, respectivamente, a função sintática de:

- A) Sujeito composto – sujeito simples – objeto direto
- B) Sujeito simples – objeto direto – objeto direto.
- C) Sujeito composto – sujeito simples – objeto indireto
- D) Sujeito simples – objeto direto – objeto indireto
- E) Sujeito composto – objeto direto – objeto direto

QUESTÃO 6

Analise as frases abaixo, retiradas do texto:

- "...seu corpo **engrossara** um pouco e era de se ver o modo como cortava..."
- "Como se soubesse de um **mal...**"
- "Não foi nada, disse, sou um **desajeitado**"
- "...levando-a consigo sem olhar para **trás...**"
- "Ao redor havia uma vida silenciosa, **lenta...**"

As palavras destacadas nas frases acima são, respectivamente, classificadas morfologicamente como:

- A) Verbo – advérbio – adjetivo – advérbio – adjetivo.
- B) Adjetivo – adjetivo – verbo – verbo – adjetivo.
- C) Verbo – adjetivo – adjetivo – verbo – adjetivo
- D) Verbo – adjetivo – adjetivo – advérbio – adjetivo.
- E) Adjetivo – advérbio – adjetivo – advérbio – adjetivo.

QUESTÃO 7

Analise as proposições abaixo, considerando o texto:

I- No período "**Apesar de** ter usado poucos ovos, o jantar estava bom", o conectivo destacado expressa uma ideia de concessão.

II- No período "Num gesto que não era seu, **mas** que pareceu natural, segurou a mão da mulher,..." o conectivo destacado expressa uma ideia de oposição.

III- No período "Sentia-se banida **porque** nenhum pobre beberia água nas suas mãos ardentes.", o conectivo destacado expressa uma ideia de consequência.

IV- No período "**Como** um lavrador.", o conectivo destacado expressa ideia de conformidade.

V- No período "**Enquanto** não chegou à porta do edifício, parecia à beira de um desastre.", o conectivo destacado expressa uma ideia de tempo.

São verdadeiras as proposições:

- A) I, II e III apenas.
- B) II, III, IV e V apenas.
- C) I, II e V apenas
- D) I, IV e V apenas
- E) I, III e V apenas

QUESTÃO 8

Analise as proposições abaixo:

1- No período "**Era verão**, seria inútil obrigá-las a dormir...", a oração destacada não tem sujeito.

2- Na oração "A cidade estava adormecida e quente.", o predicado é nominal.

3- Na oração "vieram **os irmãos e suas mulheres**", os termos destacados são classificados sintaticamente como sujeitos.

4- Na oração "Ana subiu no bonde", o verbo "**subir**" é transitivo indireto e a expressão "**no bonde**" é objeto indireto.

5- Na oração "Depositou o volume no colo...", o verbo **depositar** é transitivo direto e a expressão "**no bonde**" é objeto direto.

São verdadeiras:

- A) Apenas duas proposições.
- B) Apenas três proposições
- C) Apenas quatro proposições
- D) Todas as proposições são verdadeiras
- E) Todas as proposições são falsas.

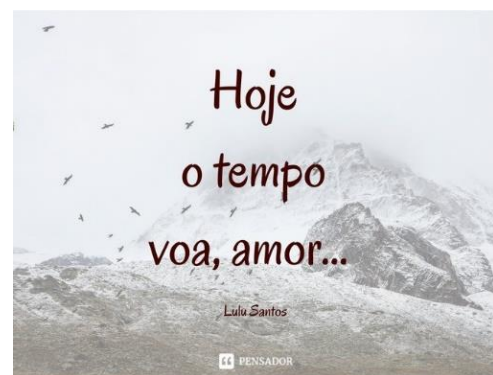
QUESTÃO 9

Na oração "Ela **apaziguara** tão bem a vida," a palavra destacada pode ser substituída sem alteração de sentido por:

- A) Tranquilizara, pacificara
- B) Acirrara, agravara
- C) Intensificara, gritara
- D) Vivera, comemorara
- E) Sonhara, pacificara

QUESTÃO 10

Leia o trecho abaixo:



A figura de linguagem que predomina no trecho acima é:

- A) Hipérbole
- B) Eufemismo
- C) Catacrese
- D) Paradoxo
- E) Prosopopeia

MATEMÁTICA

QUESTÃO 11

Considerando todos os ANAGRAMAS da palavra ARAMARI, quantos deles começam com a letra "M" e terminam com a letra "I"?

- A) 5040
- B) 720
- C) 120
- D) 10
- E) 1

QUESTÃO 12

Uma circunferência com medida de raio "R" possui área "A" e comprimento "C", dobrando o valor da medida do raio dessa mesma circunferência, a área ficará multiplicada por "X" e o comprimento ficará multiplicado por "Y". Quais os valores de "X" e "Y" respectivamente?

- A) 4 e 2
- B) 2 e 4
- C) 1 e 4
- D) 4 e 4
- E) 2 e 2

QUESTÃO 13

Para calcular quantas polegadas possui a tela de uma TV (formato retangular) é feita uma medição considerando a diagonal da tela, ou seja, o tamanho da tela é medido calculando a distância em polegadas do canto esquerdo inferior ao canto direito superior ou canto direito inferior ao canto esquerdo superior. Uma TV (formato retangular) possui 121 centímetros de largura e 68 centímetros de altura, determine quantas polegadas aproximadamente possui essa TV sabendo que 1 polegada é equivalente a 2,54 centímetros.

- A) 55
- B) 65
- C) 49
- D) 42
- E) 32

QUESTÃO 14

Para organizar várias caixas em pilhas com o mesmo número de caixas em cada pilha, um funcionário público verificou que se organizasse as caixas em pilhas com 8 caixas cada uma ou em pilhas com 6 caixas cada uma ou em pilhas com 5 caixas cada uma sempre sobrariam 3 caixas. Sendo assim qual o

número de caixas que o funcionário estava organizando no almoxarifado?

- A) 27
- B) 33
- C) 123
- D) 303
- E) 103

QUESTÃO 15

Num evento beneficente os associados compraram bilhetes para participar do sorteio de uma bicicleta, o Senhor Fortunato Sortudo comprou 81 bilhetes do total de bilhetes ofertados tentando obter sucesso e ganhar a tão cobiçada bicicleta. Sabendo que o Senhor Fortunato Sortudo tem a probabilidade de 3% de ser sorteado, qual o total de bilhetes que estão disponíveis no evento?

- A) 2700
- B) 810
- C) 270
- D) 30
- E) 27

CONHECIMENTOS GERAIS ATUALIDADES

QUESTÃO 16

Qual o nome do Ministro da Saúde que iniciou o Governo de Jair Messias Bolsonaro?

- A) Nelson Teich.
- B) Marcelo Castro.
- C) Eduardo Pazuello.
- D) Luiz Henrique Mandetta.
- E) Ricardo Barros.

QUESTÃO 17

Ela é classificada como agência reguladora, sob forma de autarquia – órgão autônomo da administração pública com personalidade jurídica, patrimônio e receita próprios – e é vinculada ao Ministério da Saúde.

A que o texto acima se refere:

- A) Ministério da saúde.
- B) Vigilância Sanitária.
- C) Secretaria de Saúde.
- D) ANVISA.
- E) Fundo Nacional de Saúde.

QUESTÃO 18

Desenvolvido para amparar quem sofreu perdas em seus rendimentos durante a pandemia, o Auxílio Emergencial hoje está amparando mais de 65 milhões de pessoas em todo o país. Entretanto, existem ainda outros benefícios sociais que são oferecidos pelo Governo.

Assinale a alternativa que **NÃO** corresponde a um Benefício social do Governo.

- A) TSEE - Tarifa Social de Energia Elétrica.
- B) PRONATEC - Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego.
- C) Carteira do Idoso.
- D) Bolsa Família.
- E) Caixa Tem.

QUESTÃO 19

“_____ arrasta-se em uma crise que piora a cada dia. Atualmente, o país encontra-se em uma encruzilhada, enfrentando uma crise política em razão da disputa entre _____ e a oposição a ele, que denuncia os abusos de poder cometidos pelo presidente. Além disso, existem a crise econômica, a crise humanitária e ainda o risco de uma intervenção liderada_____.”

Marque a alternativa que preencha os espaços acima.

- A) A Argentina ... / ... Alberto Fernández... / ... pelo Chile.
- B) A Colômbia... / ... Iván Duque Márquez... / ... pelo Brasil.
- C) A Venezuela ... / ... Nicolás Maduro... / ... pelos Estados Unidos.
- D) A Bolívia ... / ... Hugo Chavez ... / ... pelo Perú.
- E) Nenhuma das alternativas.

QUESTÃO 20

Nome da Operação da Polícia Federal contra grupo de exploração de madeira em Terras indígenas.

- A) Operação Zelotes.
- B) Operação Pataxó.
- C) Operação Igarapé.
- D) Operação Terra Forte.
- E) Operação Casa Verde.

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

QUESTÃO 21

A escola é perpassada por vários olhares e para cada olhar, ela tem uma razão de existir. A função social da escola pública é algo complexo que nos leva a vários questionamentos e contextos. Como prática social, a educação tem como lócus privilegiado a escola, entendida como espaço de garantia de direitos. Sobre a função social da escola, analise as assertivas abaixo:

I- É função social da escola a formação do sujeito contemplando o desenvolvimento do seu papel dirigente na definição do seu destino, dos destinos de sua educação e da sua sociedade.

II- A escola tem como função, formar o cidadão, construir conhecimentos, atitudes e valores que tornem o estudante solidário, crítico, ético e participativo.

III- Numa perspectiva neoliberal a escola deve ter por função a transmissão de certas competências e habilidades necessárias para que as pessoas atuem competitivamente num mercado de trabalho altamente seletivo e cada vez mais restrito.

IV- A função social da escola é transmitir conhecimentos, visando à preparação para o mercado de trabalho.

V- A escola tem como função o compromisso com a formação do cidadão e da cidadã com fortalecimento dos valores de solidariedade, mas não deve se comprometer com a transformação da sociedade.

É correto o que se afirma em:

- A) I, II E V
- B) I, II, III E IV
- C) II, III, IV E V
- D) I, II E III
- E) I, II E V

QUESTÃO 22

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, traz em seu Art. 22 que a educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores. Partindo das disposições desta Lei, podemos afirmar que a Educação Básica compreende:

- A) Educação Infantil e Ensino Fundamental
- B) Ensino Fundamental e Ensino Médio
- C) Pré-escola, Ensino Fundamental e Ensino Médio
- D) Pré-escola, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior
- E) Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior

QUESTÃO 23

A LDB – Lei de Diretrizes e Bases 9394/96- incentiva a criatividade e insiste na flexibilidade da organização da educação básica. Nesse sentido no Ensino Fundamental a educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar. O art. 32 determina como objetivo do Ensino Fundamental a formação do cidadão, mediante, exceto:

- A) O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
- B) A compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
- C) O desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;
- D) O fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.
- E) A difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática.

QUESTÃO 24

Entendemos que a avaliação é um processo contínuo, que interpreta qualitativamente o conhecimento construído pelo aluno, bem como o desenvolvimento de suas habilidades intelectuais. No Ensino Fundamental séries iniciais a avaliação acontece através:

- I - Observações e registros individuais
- II- Acompanhamento individual e coletivo
- III- Através da aplicação de diversos estilos de atividade
- IV- Através de notas quantitativas não dando ênfase ao qualitativo
- V- Atribuindo notas e classificando os alunos.

É correto o que se afirma em:

- A) I, III E V
- B) I, II E III
- C) III, IV E V
- D) I, II, III E V
- E) I, II, III, IV E V

QUESTÃO 25

O termo avaliar tem sido associado a fazer prova, fazer exame, atribuir notas, repetir ou passar de ano. Nela a educação é imaginada como simples transmissão e memorização de informações prontas e o educando é visto como um ser paciente e receptivo. Em uma concepção pedagógica mais moderna, a educação é concebida como experiência de vivências múltiplas, agregando o desenvolvimento total do educando. Sobre avaliação do ensino e aprendizagem, analise as proposições abaixo colocando **V** para as verdadeiras e **F** para as falsas.

- () A avaliação do processo de ensino e aprendizagem, é realizada de forma contínua, cumulativa e sistemática na escola, com o objetivo de diagnosticar a situação de aprendizagem de cada aluno, em relação à programação curricular.
- () A avaliação deve priorizar apenas o resultado ou o processo, e deve como prática de investigação, interrogar a relação ensino aprendizagem e buscar identificar os conhecimentos construídos e as dificuldades de uma forma dialógica.
- () A avaliação quando dialógica culmina na interação e no sucesso da aprendizagem pois o diálogo é fundamental, e o professor através dela se comunica de maneira adequada, satisfatória e prazerosa com o aluno.
- () A avaliação deve ser vista com a função diagnóstica, dialógica e transformadora da realidade escolar.

Agora marque a alternativa que apresenta a sequência correta:

- A) V, F, V, V
- B) V, V, V, V
- C) V, F, F, V
- D) V, F, V, F
- E) F, V, V, V

QUESTÃO 26

O trabalho pedagógico compreende todas as atividades teórico-práticas desenvolvidas pelos profissionais do estabelecimento de ensino para a realização do processo educativo escolar. A organização democrática no âmbito escolar fundamenta-se no processo de participação e responsabilidade da comunidade escolar na tomada de decisões coletivas. Toda escola tem objetivos que deseja alcançar, metas a cumprir e sonhos a realizar. O conjunto dessas aspirações, bem como os meios para concretizá-las, é o que dá forma e vida a (o) chamado (a):

- A) Currículo
- B) Plano de Ação

- C) Projeto Político Pedagógico
- D) Proposta Pedagógica
- E) Base Nacional Comum

QUESTÃO 27

Mariana é aluna do 1º ano do Ensino Fundamental e sua professora utiliza diversas estratégias para facilitar a aprendizagem dos seus alunos, uma vez que, estes apresentam dificuldades no processo de aquisição da leitura e escrita. Em uma das atividades desenvolvidas com a turma, a professora observou que Mariana utiliza uma letra para escrever cada sílaba. De acordo com a psicogênese da língua escrita Mariana escreve de maneira:

- A) Pré-silábica.
- B) Silábica.
- C) Silábica-alfabética.
- D) Alfabética.
- E) Ortográfica.

QUESTÃO 28

A professora Joana trabalha com o 2º ano do Ensino Fundamental, sempre dinâmica, planeja as suas aulas visando desenvolver as múltiplas habilidades de seus alunos. Numa das suas aulas Joana trabalhou com o texto: "A lenda do Saci Pererê ", fazendo a leitura para toda a turma. No processo de alfabetização do aluno para as múltiplas linguagens, após a leitura de um texto realizada pelo professor, **NÃO** é pertinente ao aprendizado:

- I- Determinar que o aluno copie esse texto.
- II- Pedir ao aluno que faça seu reconto.
- III- Verificar se houve dificuldades de compreensão.
- IV- Recuperar a estrutura do texto através do trabalho oral.

É incorreto o procedimento em:

- A) I E II
- B) I
- C) II
- D) III
- E) IV

QUESTÃO 29

O aprendizado da leitura e da escrita é um processo precursor do desenvolvimento da capacidade crítica e autônoma de um indivíduo. Desenvolvida nos anos escolares iniciais, o conceito de alfabetização é, muitas vezes, considerado homogêneo ao conceito de letramento. Porém, mesmo sendo percebidos como integrantes de um mesmo processo de aprendizagem, onde se desenvolve a habilidade de

ler e escrever, esses conceitos possuem características específicas. Sobre letramento, considere as posições abaixo:

- I- O letramento é algo individual estando ligado à educação formal e à escolarização.
- II- O letramento é o uso social da leitura e da escrita, estado ou condição que assume o indivíduo alfabetizado.
- III- O letramento pressupõe que o uso da escrita pode trazer ao indivíduo consequências tanto políticas quanto socioculturais, seja para o grupo social no qual ele está inserido, seja para ele próprio.
- IV- O letramento propõe que o leitor/escritor tenha senso crítico e autonomia diante do mundo e de suas práticas sociais, sabendo, sobretudo interpretar a realidade discursiva em que está inserido.

É correto o que se afirma em:

- A) I, II E III
- B) I, III E IV
- C) II, III E IV
- D) I, III E IV
- E) I, II, III E IV

QUESTÃO 30

Em sua obra, o bielorrusso Lev Vygotsky (1896-1934) dedicou espaço a estudar os filtros entre o organismo e o meio. Com a noção de mediação, ou aprendizagem mediada, o pesquisador mostrou a importância deles para o desenvolvimento dos chamados processos mentais superiores - planejar ações, conceber consequências para uma decisão, imaginar objetos etc. Marque a alternativa que expressa uma ideia defendida por Vygotsky.

- A) Vygotsky afirmou que o desenvolvimento das estruturas mentais se inicia no nascimento, quando o indivíduo começa o processo de troca com o universo ao seu redor.
- B) O conceito de sujeito epistêmico é uma ideia defendida por Vygotsky.
- C) Para Vygotsky, o conhecimento se dá a partir de duas zonas de desenvolvimento: o real e o potencial.
- D) Com o conceito de equilíbrio, Vygotsky demonstrou que a Inteligência deve ser confrontada para evoluir.
- E) Vygotsky defendia uma epistemologia genética da aprendizagem.